

APRESENTAÇÃO

A **Revista Abril** 34 foi gestada e gerada no período 2024/2025, no auge da ambiência comemorativa do Centenário de Amílcar Cabral, assim como do Cinquentenário das independências de Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola, embaladas pelas mobilizações e lutas de libertação nacional na Guiné-Bissau em 1973. Ao mesmo tempo em que essas celebrações referenciam a força da palavra, oral e/ou escrita, para a construção e disseminação de textos, discursos, estéticas e subjetividades plenos do clamor coletivo pelo direito dos povos de serem livres em seus próprios territórios, elas também reverenciam a genialidade de Cabral que, desde a sua juventude na Casa dos Estudantes do Império (CEI), performava as inegáveis facetas da suas competências intelectual, política, guerrilheira, diplomática e, especialmente, editorial para denunciar, resistir e derrotar o jugo português contra os nativos africanos cujas terras haviam sido invadidas e ocupadas por Portugal. Imperialismo, colonialismo e fascismo são enfrentados por meio de várias armas estratégicas, sendo a criação e a edição literárias os principais aparatos bélicos detonadores da opressão colonial e da ditadura salazarista. Assim, escrita, leitura, edição e circulação de folhetos, boletins, revistas — a começar por **Mensagem** na CEI — e pequenos livros tornaram-se molas propulsoras da liberdade e da emancipação dos povos africanos nos contextos da colonização portuguesa.

Nessa perspectiva das imbricações entre histórias, sociedades e literaturas, este número 34 veicula um conjunto de reflexões sobre a importância das histórias editoriais para o campo literário no universo de Língua Portuguesa. De fato, a literatura estabelece múltiplas interfaces com diversos cenários e com diferentes atores sociais. Essa ampla capilaridade, por um lado, naturaliza e justifica os constantes diálogos entre as literaturas portuguesa, moçambicana, cabo-verdiana, santomense, angolana e guineense, principalmente se considerado o fato colonial português e seus impactos nas mentes, nos corpos e nas relações sociopolíticas durante e após as lutas

de libertação que culminaram nas independências africanas a partir de 1973 — inclusive, na Revolução dos Cravos em 1974 — em seus respectivos processos de consolidação nacional na segunda metade do século XX. Por outro lado, por ter sido aquele um contexto revolucionário, as dinâmicas literárias impulsionaram afirmações de identidades, representações de subjetividades coletivas e individuais negro-africanas, bem como a emergência dos fundamentos ontológicos negro-africanos que sustentam os modos próprios de ser, de pensar, de estar e de se fazer representar no mundo.

Ainda, pela natureza sistêmica do conceito de literatura no âmbito das nacionalidades, como bem teorizou Antonio Candido (1959), torna-se aqui instigante a proposição de formulações teórico-críticas acerca das múltiplas formas de circulação de textos artísticos — sejam estes orais ou escritos —, bem como de suas mediações e representações por meio de inúmeros gestos, vozes e/ou grafias. Estes meios atuam como suportes veiculares dos textos para fins de edição e publicização/publicação, ou seja, como as materialidades ou “as formas que permitem sua leitura, sua audição ou sua visão” e que, segundo Roger Chartier (2002), “participam profundamente da construção de seus significados” (Chartier, 2002, p. 62) conforme os contextos, as culturas, as estéticas e os propósitos dessas produções. Tais pressupostos permeiam esta publicação, constituída por três categorias de textos, a saber: artigos, resenhas e entrevista.

No primeiro segmento, agrupam-se os seguintes ensaios: “Para uma teoria crítico-editorial: autoria, mediação e posteridade”, de Jeronimo Pizarro, que problematiza a historicidade da edição por meio da problematização dos conceitos de editor, texto, obra, leitor a partir da análise das edições de Fernando Pessoa em diálogo com a **Colección Archivos**, por extensão; Eduardo Soczek Mendes provoca contundentes reflexões com “Escopos temáticos: de “O cronista (1535)” a “O bispo negro (1130)”, de Alexandre Herculano, ao lançar seu olhar comparativista sobre as significativas modificações existentes nas dinâmicas da re-edição; “(R)Evolução na prosa de António Lobo Antunes — tanatografia e a poética do caos”, por sua vez, apresenta a abordagem teórico-crítica de Daniel Mascarenhas Osieck acerca dos rituais de escrita para as representações da morte, potencializando as relações entre memória tanatográfica e ficção.

Sob a autoria de Clarisse Dias Pessôa, “Eu, que vou morrer, quis dizer isto’: arquivos de uma cartografia urbana em **Ubi Sunt**, de Manuel de Freitas, e nos murais de Mariana Duarte Santos” — de forma a pontuar aspectos da materialidade e da imaterialidade na produção e na edição artística —, imbrica memória e esquecimento nas relações dos arquivos individuais e coletivos com a produção da arte na e sobre a cidade. Também no campo das artes visuais, Maria Helena Werneck analisa, no texto “A modernização da arte teatral no século XIX em livretos para Portugal e Brasil”, as atuali-

zações e adequações na re-edição da **Biblioteca do Povo e das Escolas** em 2022, percorrendo uma trajetória desde a chegada dos folhetos portugueses ao Brasil nos anos 1880 até as interlocuções entre os palcos portugueses e brasileiros no final do século XIX e início do XX, sob o entendimento de que re-editar equivale a repensar. Os diálogos transnacionais, por sua vez, intensificam-se em “Fluxos editoriais entre as revistas **Mensagem** (Luanda, 1951-1952) e **Sul** (Florianópolis, 1948-1957)”, de Natan Schmitz Kremer, quando o autor destaca os trânsitos de originais e de impressos entre os grupos editoriais dessas publicações que integram a contribuição poética do autor angolano António Jacinto à do brasileiro Salim Miguel. Além dessa perspectiva, Vanessa Pincerato Fernandes desenvolve percepções sobre como a edição literária engendra novos rumos e formatos para os rituais da escrita em “Msaho: um manifesto poético e a nova direção da Literatura Moçambicana”, ressaltando os aspectos fundacionais das edições anticoloniais em Moçambique para um tipo de poética que transita entre o movimento, o manifesto, a crítica e a reflexão.

O segmento das resenhas, por sua vez, destaca produções editoriais que dialogam diretamente com preocupações contemporâneas no âmbito das diversidades: a re-escrita da história no âmbito da pós-colonialidade, as dimensões do ser mulher e suas tensas formas de expressão e de representação no literário, como também as vozes e corporeidades masculinas no contexto colonial português, marcadas pela homossexualidade sempre negada e/ou silenciada. É o que se verifica em “**Quando os cravos vermelhos cruzaram o Geba**, de Tony Tcheka: ficções a partir da queda do fascismo português”, de Erica Cristina Bispo; na dimensão crítica de “A conquista do leme pelo feminino no romance de Madalena Sá Fernandes”, elaborada por Adriana Gonçalves; e em “Masculinidade e homossexualidade sob o fogo das guerras coloniais”, de Helder Thiago Maia, respectivamente.

A entrevista, segmento final, apresenta o universo das oralidades urbanas do século XXI com “Público maior a oito: Irene A’mosi e o *spoken word* em Angola”, fruto do encontro de Taiana Machado com essa autora angolana por meio do qual revelam-se estratégias de produção, edição e socialização de textos artísticos orais nas diferentes linguagens adotadas por Irene A’mosi no *slam*. Portanto, a **Revista Abril** 34 configura-se como espaço de interação, edição e publicação de ensaios científicos, resenhas e entrevista sobre as materialidades e imaterialidades de textos literários produzidos em Portugal, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique, com abordagens sobre as trajetórias histórico-editoriais relativas à criação artística pela palavra; o impacto dos elementos não verbais e/ou paratextuais na preparação das obras cênicas, plásticas ou gráficas; as relações entre literatura, edição e os processos de ficcionalização do fazer literário; as reflexões críticas necessárias às decisões ou tratamentos técnicos e estéticos sobre diferentes materiais

literários; o tenso e imbricado caráter metatextual, intertextual e intermidiático de certos materiais poéticos e/ou ficcionais internos ou externos às obras; enfim, a edição como fator performativo, colaborativo e mediador das múltiplas interfaces literárias, entendimento que dialoga com o conceito da tela “Juntamente” reproduzida na capa, de autoria do artista plástico afro-mineiro Samora Dêlcio.

Camila do Valle (UFRRJ)

Iris Maria da Costa Amâncio (UFF)